



LABORATÓRIO DE FORMAÇÃO GERAL (LABFORM) - 7º CICLO DE ATIVIDADES

4ª SÉRIE

OBS.: Realize apenas as atividades, aqui presentes, solicitadas pelos(as) professores (as) da sua habilitação.

Disciplina: **Literatura**

Professora: **Gabrielle Paulanti**

Orientações:

Leituras:

- **A terceira margem do rio – João Guimarães Rosa (anexo)**

Conteúdo audiovisual online:

- A terceira margem do rio – Milton Nascimento e Caetano Veloso:

<https://www.youtube.com/watch?v=WktQszgLX-E>

- Sobre Carolina de Jesus:

<https://www.youtube.com/watch?v=Chl-lg87LVQ>

- Álbum ‘Quarto de despejo’ – Carolina de Jesus:

<https://www.youtube.com/watch?v=t3dzlAr4euo>

- Sobre Carolina de Jesus (2):

<https://www.youtube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g>

- Sobre Guimarães Rosa:

<https://www.youtube.com/watch?v=MUGLZ4euUzI>

- Entrevista com Guimarães Rosa:

<https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68>



Disciplina: Sociologia

Professor: Marcello Coutinho e Valéria

Orientações:

ATIVIDADE PEDAGÓGICA REMOTA – SOCIOLOGIA (09/06/2020)

Querido(a) estudante, estamos vivendo tempos difíceis e, infelizmente, ainda não temos previsão para o retorno das nossas aulas. Esperamos que dentro do possível, você e sua família estejam bem. Gostaríamos, que você pudesse colaborar para pensarmos juntos, o contexto do racismo em nosso tempo presente. Nesse sentido, elaboramos uma questão a respeito.

FIQUEM EM CASA E CUIDEM-SE!!!

ESTAMOS COM MUITA SAUDADE DE VOCÊS!!!

Um beijo grande e abraSUS,

Marcello Coutinho e Valéria Carvalho.

. QUESTÃO: TENDO COMO BASE AS ENTREVISTAS CONCEDIDAS POR SILVIO ALMEIRA, ABAIXO TRANSCRITAS, REFLITA E ANALISE POR QUE PRECISAMOS AFIRMAR ÓBVIO?

. ENTREVISTA 1 – PORTAL GELEDÉS

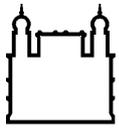
Silvio de Almeida: ‘As pessoas descobriram que o racismo não é uma patologia. É o que organiza a vida delas’

Autor de 'Racismo Estrutural' afirma que a pandemia do novo coronavírus pode fazer o racismo tomar novas formas de modo a manter desigualdades. Para ele é preciso contruir uma nova economia dos afetos: 'Precisamos de uma cultura que se oponha ao racismo, que coloque em seu centro produções em que a nossa humanidade caiba'

06/06/2020

em **Em Pauta**

Os acontecimentos das últimas semanas nos EUA deixaram muita gente estarecida – inclusive no Brasil. Um homem negro sufocado até a morte por um policial branco, protestos diários contra a violência policial, a resposta truculenta do presidente Donald Trump, a indignação crescente nas redes sociais. Será que finalmente as pessoas brancas entenderam a gravidade do racismo e o



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

quanto ele pauta a política, a economia e as relações sociais? O que é preciso ser feito para desmontar a estrutura cruel e violenta que nega a uma parte da população, não apenas as condições materiais de vida, mas a possibilidade de sonhar?

Silvio Luiz de Almeida é um dos intelectuais brasileiros que têm articulado respostas para essas e tantas outras perguntas. Aos 43 anos, é advogado, doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela USP, professor na FGV-SP e na Universidade Presbiteriana Mackenzie. É presidente do Instituto Luiz Gama, associação civil que reúne juristas, acadêmicos e militantes dos movimentos sociais que trabalham em defesa das classes populares, e autor de “Racismo estrutural”, volume da coleção “Feminismos Plurais”, coordenada pela filósofa Djamilia Ribeiro. Almeida concedeu essa entrevista por telefone dos EUA, onde é professor convidado da Universidade Duke. Ele alerta que a pandemia pode fazer o racismo criar novas formas de modo a manter as desigualdades e estruturas de dominação. E diz que sonha com um mundo emancipado: “É um mundo liberado de todas as forças que limitam as capacidades humanas. Um mundo em que não se esmaga as nossas possibilidades de ser, um mundo que não tem teto.”

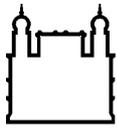
CELINA: Gostaria de começar com uma provocação. Diante do que temos visto na última semana, as pessoas brancas, inclusive no Brasil, finalmente descobriram que o racismo existe e que ele mata?

Silvio Almeida: Um dos efeitos do racismo, e por isso ele funciona tão bem como uma forma de organizar a sociedade, é que ele é naturalizado. O racismo tem a capacidade de estar presente e se incorporar ao cotidiano das nossas vidas, está oculto. Ele é normal, faz parte da ordem. Todo dia um homem negro é morto, essa violência é cotidiana. Mas, agora, estamos em um momento de tensão, em meio a uma crise, um ato de brutalidade foi filmado, os ânimos estão inflamados. Quando o mundo está em desordem, a ordem pode nos chocar. Não há mais fumaça escondendo, o racismo aparece e se coloca em confronto aparente com as nossas convicções morais. As pessoas se perguntam: “Como eu não pude ver isso?”. Elas descobriram que o racismo não é um desajuste, não é uma patologia. É o que organiza a vida delas de todos os pontos de vista.

A pergunta que muitos têm se feito é por que a morte de George Floyd provocou tanta comoção entre brancos no Brasil, mas a morte de negros brasileiros não causa. Em fevereiro de 2019, Pedro Gonzaga, um negro de 19 anos, foi sufocado pelo segurança de um supermercado no Rio.

Essa não é uma resposta simples. Embora a questão racial tenha origem no processo de formação do Brasil e dos EUA, cada país tem um processo diferente de racialização, de organização do trabalho e de distribuição da riqueza. A construção da unidade nacional nos EUA se dá com a segregação racial. Houve a criação de um arcabouço jurídico para possibilitar a segregação, e isso originou uma dinâmica de luta. No Brasil, a estratégia de unidade é o apagamento das diferentes raças. Não se reconhece os condicionantes do racismo na estrutura da sociedade, as pessoas acham que o racismo não acontece no Brasil. Então, o movimento negro brasileiro tem que demonstrar que existe racismo. Além disso, do ponto de vista cultural, o Brasil tem sua orientação voltada para os EUA. O que acontece lá é parâmetro para as pessoas se orientarem, inclusive do ponto de vista emocional. Nesse contexto, não há a compreensão da dimensão da violência racista e da subalternidade brasileiros.

O Cornel West [filósofo e ativista afro-americano] disse que estamos no meio de uma tempestade perfeita. Pandemia, crise econômica, Trump, violência policial, e a alternativa oferecida é a repressão. As pessoas estão desesperançadas, cansadas, saturadas dessa falta de horizonte. Nem do ponto de vista cultural oferecemos um espaço para o sonho. Não há espaço para uma vida no meio desse horror. As pessoas têm que escolher entre morrer doentes, de tiro ou de fome. Por isso, saem às ruas em meio à pandemia. Sartre falava que a nossa única condenação é a liberdade.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Em sua obra cultural, Freud fala sobre o “ideal do eu”, diz que a saúde psíquica precisa de um projeto de futuro. Levando em conta as nossas desigualdades, agora aprofundadas pela pandemia, o Brasil está tirando o sonho de seus jovens?

A sociedade contemporânea construiu formas muito sofisticadas de dominação. A economia e a política estão ligadas à questão do desejo. A construção de um projeto parte da construção de um ideal de eu, mas há um ocultamento das condições materiais, da segurança para se projetar esse ideal. Os governantes apostam no apagamento do desejo. Antes de governos autoritários e fascistas ascenderem ao poder, o mundo já estava em processo avançado de decomposição. Eles são o resultado dessa falta de horizonte. O desejo se manifesta em pulsão de morte. Uma necropolítica só é possível se houver na sociedade um desejo de morte. Esses líderes são os catalisadores do ódio da sociedade. É preciso uma dinâmica social e política que possa estabelecer nossas formas de vida.

A dimensão criativa da pulsão de morte?

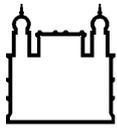
Sim, essa dimensão está nos protestos. As pessoas estão dizendo: “Não estou nem aí se vou morrer de Covid-19. Eu quero algo novo.” É um momento aberto da História, não dá para fazer previsões. Precisamos entender o que nos trouxe até aqui, esse processo de abandono das pessoas, inclusive do ponto de vista material.

Os negros são a maioria da população brasileira, 56%, e também são os mais vulneráveis sob diversos aspectos. Um país que tira a possibilidade de um projeto de futuro da maior parte de sua população está investindo em um projeto suicida, não é?

A primeira questão é se é possível um projeto nacional racista. É, e foi isso o que os projetos nacionais fizeram até agora, não só no Brasil. Aqui, existiu um pacto moral de todos contra os escravos. No século XIX, o racismo científico como ponto de vista teórico criou a ideia de que havia diferenças de raça, que isso era cultural. Era preciso criar estruturas para conter essa desordem. Nos anos 30, o projeto de modernização afirmou que a miscigenação é a nossa vantagem e criou a ideia de democracia racial. O Brasil é historicamente um país racista, mas hoje ocorre algo ainda mais grave. É a primeira vez na História em que ele incorpora de maneira ativa o discurso da supremacia branca. Sempre houve o discurso da superioridade branca, quanto mais branco for, mas superior você é. Mas, agora, temos um governo com vínculos com a supremacia branca. Pessoas que acham que são brancas, mas que, se saírem do Brasil, não são. É um projeto assassino e suicidário. Mata as possibilidades de futuro. Eu me pego pensando em quantos rapazes negros melhores do que eu poderiam estar contribuindo com o Brasil.

A pandemia pode intensificar o racismo no Brasil?

Primeiro é preciso deixar claro que o racismo é um fenômeno mundial. Não diria que ele pode se intensificar, mas que pode tomar novas formas para estabelecer outras maneiras de dominação. A primeira crise do capitalismo gerou o colonialismo, a segunda gerou o nazi-fascismo, a terceira, que foi a crise do estado de bem-estar social, gerou o racismo que vemos hoje, incorporado ao neoliberalismo. Poderá acontecer desde uma reorganização das restrições econômicas até das formas de lidar com o outro, como a criação de políticas preventivas contra doenças futuras e a proibição da circulação de estrangeiros, que é a xenofobia como vemos na Europa. O racismo contra asiáticos, que temos visto contra os chineses por causa da pandemia, não começa hoje. Agora, há uma disputa de hegemonia entre EUA e China, mas, na decisão que institucionalizou a segregação racial nos EUA, o resultado foi 7 a 1 a favor da segregação. O juiz que votou contra, o único, afirmou que as instituições deveriam ser daltônicas. E ele completou: “Os negros são como nós. Eles não são como os chineses”.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

É o que Edward Said [intelectual palestino] descreve em “Orientalismo”, a construção da identidade de um grupo é espelhada na construção da identidade inferiorizada do outro?

É o Said, mas se você pegar autores como Frantz Fanon [psiquiatra e filósofo marxista] e Aimé Césaire [poeta, ensaísta e um dos criadores do conceito de negritude], eles questionam a centralidade cultural da Europa. É uma construção política que tem base na Modernidade: a ideia de que é necessário expandir as conquistas civilizatórias dos brancos europeus para outros povos. Essa ideia foi naturalizada, está na cabeça das pessoas.

A partir dessa ideia, e levando em conta a brutalidade da repressão – o Brasil tem um presidente que é declaradamente racista e o presidente da Fundação Palmares chamou uma mãe de santo de “filha da puta macumbeira” -, é possível afirmar que o Estado brasileiro construiu o negro como seu inimigo?

Michel Foucault [filósofo francês] escreveu que a dinâmica do Estado Moderno, que nasce no século XIX, é a criação de um inimigo, do radicalmente outro. O Achille Mbembe [filósofo camaronês] diz que a raça é uma criação muito sofisticada. A veiculação entre negro, África e escravidão é naturalizada. É tão natural que o sujeito acha que pode pisar em um homem negro. Ele fez isso com a mesma tranquilidade no rosto que podemos ver nas fotografias antigas de linchadores que enforcavam negros em árvores. É eliminada qualquer possibilidade de empatia.

Empatia é uma palavra que tem sido muito repetida em diversos contextos...

É legal que as pessoas usem a palavra, é um sinal de que elas estão pensando. Mas a palavra precisa se tornar uma determinação histórica e política. Quem tem empatia pelos negros não pode ser contra o SUS, não pode ser a favor da militarização da polícia, não pode ser a favor da austeridade. A empatia tem que se converter em solidariedade política. A ausência de solidariedade para os negros é mortal, para os brancos é viver uma meia humanidade. É preciso apoiar iniciativas de solidariedade para além daquilo que o Estado oferece; são ações práticas para desmontar as estruturas do mundo que nos separam.

Eu me pergunto se o fato de que há pessoas brancas nos protestos americanos é o que faz brancos brasileiros criarem empatia agora.

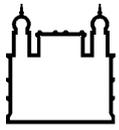
É mais uma empatia com os brancos de lá do que com os negros. Boa parte disso, e a gente está falando do inconsciente, é porque existe a ideia de que eles estão fazendo alguma coisa. Mas é bom que não se generalize. Isso é uma análise de um sentimento que tomou parte das pessoas, mas existem pessoas brancas que são aliadas fundamentais na luta contra o racismo.

É muito comum que o racismo brasileiro seja descrito como um resquício da escravidão. Mas houve um projeto de modernização construído em cima da ideia de democracia racial.

A escravidão faz parte da História. Mas o racismo que observamos hoje não é só um resquício dela. A escravidão conviveu com o capitalismo industrial, o café brasileiro servindo ao europeu. Mas o racismo que vemos hoje é parte do projeto de modernização da sociedade pós-escravidão. Houve uma reorganização para reproduzir as desigualdades, e o racismo faz parte. Os baixos salários são um novo parâmetro com base racial.

Enquanto sistema político, como acabar com o racismo?

Ele não é uma questão individual. É preciso haver as condições estruturais para que as práticas discriminatórias sejam tidas como naturais. Portanto, temos que mudar as estruturas sociais que tornam possível a existência da raça. É necessário uma reorganização das decisões políticas. Do ponto de vista econômico, para que os grupos racializados não sejam empurrados para a margem.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

A gente precisa reorganizar o desejo das pessoas. Louis Althusser [filósofo argelino] disse que a ideologia não é só uma forma de consciência. É a forja dos afetos. Precisamos de uma nova economia dos afetos. Arte, literatura, cinema, teatro, enfim, precisamos de uma cultura que se oponha ao racismo, que coloque em seu centro produções em que a nossa humanidade caiba.

Nesse sentido, a produção de intelectuais negros é fundamental.

O movimento negro brasileiro teve como estratégia central a inserção de pessoas negras no ensino superior. Isso se deu porque as universidades sempre foram um espaço de união das classes dominantes, incluindo, curiosamente, as universidades públicas. Intelectuais negros são fundamentais para entender o Brasil. Luiz Gama, Abdias Nascimento, Milton Santos, Lélia González, entre outros, são grandes pensadores. O que acontece hoje é que a juventude negra resolveu tomar assento e falar de si. Há uma demanda reprimida de se fazer ouvir, de falar que o racismo é uma questão central para se entender os rumos da sociedade contemporânea. Não é possível falar das questões econômicas sem falar de racismo. Mas a democracia liberal tem dificuldade com a questão da igualdade.

Fala-se constantemente em reformar a polícia, inclusive no Brasil. A cidade de Ferguson, palco de protestos nos EUA em 2014, tenta fazê-lo. Mas a reforma deve ser só da polícia ou do sistema de Justiça?

De todo o sistema de Justiça. O procurador de Minnesota chegou a dizer que é muito duro condenar a polícia. Depois de tudo isso, pode ser que o policial que matou George Floyd não seja condenado. O sistema de Justiça absorve o ajoelamento. As polícias matam muito porque existe convivência do sistema de Justiça. A reforma deve ser da sociedade.

É simbólico que um homem negro morra sufocado em meio à pandemia de Covid-19, uma doença que mata dificultando a respiração. O nosso modo de vida está sufocando?

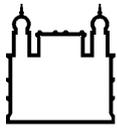
Estamos sufocando. Por isso as pessoas saem de casa para protestar. A forma como George Floyd morreu é devastadora. Ele morreu pedindo ao Estado opressor para respirar. E chamou pela mãe no meio disso. Um homem que precisava que o Estado oferecesse mais do que violência. Fez pessoas sentirem vergonha por terem permitido que isso acontecesse. Fez pessoas pensarem que poderia ter sido com elas. Perdemos o direito de respirar.

O senhor já disse que “a luta contra o racismo é a luta por um mundo emancipado”. Que mundo é esse?

É um mundo em que as pessoas não tenham que escolher entre comer e ter que se entregar a um trabalho indigno, em que as mulheres não tenham que se submeter às violências, em que não se naturalize a violência de Estado; um mundo em que as pessoas tenham saúde, em que elas possam se educar, possam ser mais do que são, possam sonhar. É um mundo liberado de todas as forças que limitam as capacidades humanas. Um mundo em que não se esmaga as nossas possibilidades de ser, um mundo que não tem teto.

O senhor é otimista?

Prefiro ser um analista. Estão abertas as possibilidades de fazer um mundo melhor. Estamos em uma esquina da História em que não sabemos o que vamos encontrar quando virarmos a rua. Mas eu sou resultado de pessoas que tiveram esperança. Enquanto eu estiver aqui, enquanto houver pessoas aliadas e a luta política, eu vou pavimentar caminhos para quem vem depois de mim.



Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/silvio-de-almeida-as-pessoas-descobriram-que-o-racismo-nao-e-uma-patologia-e-o-que-organiza-a-vida-delas/>>.

Acesso em: 08/06/2020.

. ENTREVISTA 2 – NEXO JORNAL

‘Não dá para falar de democracia sem falar da questão racial’

Juliana Domingos de Lima 01 de jun de 2020 (atualizado 02/06/2020 às 14h47)

Ao ‘Nexo’ o professor Silvio Almeida analisa a onda de protestos contra violência policial e racismo nos EUA, e comenta a relação dos atos americanos com manifestações brasileiras

PROTESTO EM OKLAHOMA CITY, NOS EUA, REALIZADO NO SEXTO DIA APÓS A MORTE DE GEORGE FLOYD, ASFIXIADO POR UM POLICIAL BRANCO

Meses após a chegada do novo coronavírus a países como Estados Unidos e Brasil, a crise deflagrada pela pandemia divide espaço com agitações de ordem política e social.

Nos EUA, o assassinato de um homem negro, George Floyd, por um policial branco, Derek Chauvin, em 25 de maio, levou a protestos que ganharam escala nacional.

Ao redor do país, o cenário que já completa uma semana inclui marchas pacíficas, situações de saques e vandalismo em algumas cidades e forte repressão da polícia. Floyd, que estava desarmado, foi imobilizado pelo policial no chão e morreu por asfixia enquanto avisava que não conseguia respirar. Um vídeo da ação, gravado por um transeunte e compartilhado nas redes sociais, foi o combustível para a indignação popular.

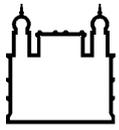
Setores que se opõem à violência policial, ao racismo e a posicionamentos antidemocráticos do presidente Jair Bolsonaro também se manifestam no Brasil em meio à pandemia. Operações policiais em comunidades cariocas continuaram a acontecer durante a quarentena, e tiveram entre as vítimas mais recentes o adolescente João Pedro Pinto, de 14 anos, que jogava sinuca dentro de casa em São Gonçalo quando levou um tiro de fuzil pelas costas, em 18 de maio.

Moradores da comunidade protestaram no dia seguinte, em seu enterro. Centenas de pessoas se manifestaram em frente ao Palácio Guanabara, sede do governo do Rio de Janeiro, na tarde de domingo (31), contra operações violentas nas comunidades. O protesto foi chamado de “Vidas negras importam”, nome traduzido do movimento Black lives matter, criado em 2013 nos EUA e que atua em diversos países.

A manifestação foi encerrada pacificamente, mas a polícia lançou bombas de gás lacrimogêneo e fez disparos de balas de borracha para dispersar pessoas que ainda chegavam ao local. Também no domingo (31), atos marcados por torcidas organizadas de times de futebol reuniram pessoas no Rio, São Paulo e Belo Horizonte com um discurso em defesa da democracia.

Tanto no Brasil quanto nos EUA, a letalidade do novo coronavírus é maior entre pessoas negras, em geral mais vulneráveis social e economicamente.

Professor visitante da Universidade Duke, nos Estados Unidos, e presidente do Instituto Luiz Gama, o jurista e doutor em filosofia Silvio Almeida falou ao **Nexo** na segunda-feira (1º) sobre a



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



centralidade da questão racial nos protestos em curso nos dois países, além das aproximações e distanciamentos entre seus contextos.

Qual é o peso da pauta antirracista nos protestos no Brasil e nos EUA?

SILVIO ALMEIDA A questão racial sempre esteve no centro. Mas o próprio racismo, que é também um processo de constituição da consciência das pessoas, da maneira como elas veem o mundo e são afetadas por ele, [fez com que] a pauta racial fosse desprezada. A maioria das pessoas que tomam decisões desprezaram a pauta racial. O jornalismo desprezou a pauta racial. Os juristas desprezaram a pauta racial. Os economistas desprezaram a pauta racial. Grande parte dos políticos desprezou a pauta racial. Os educadores desprezaram a pauta racial, em sua grande maioria.

As vozes – negras em especial, mas também de pessoas brancas –, que sempre viram a questão racial como central têm razão. Porque disseram o seguinte: não dá para falar de desigualdade no mundo, nem de democracia, sem falar de questão racial.

Então no momento em que se vê a ruína da economia mundial, que é um processo que já vem de muito tempo, e a ruína da democracia liberal, obviamente que emerge a questão racial, que sempre foi abafada com discursos ideológicos que pregavam um consenso onde não havia. E o mundo se vê absolutamente perplexo.

[Pergunta-se] 'O que está acontecendo? Por que as pessoas estão contestando as instituições, por que elas estão questionando o american way of life?' É óbvio, porque a questão racial sempre esteve no centro, sempre afetou a vida das pessoas com violência institucional. E isso explodiu agora, em um momento de pandemia, que é o que a gente chama de tempestade perfeita.

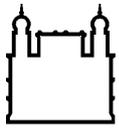
Todas as condições para a revolta e para a insatisfação se colocaram em um único momento. E com o agravante de que há no Brasil e nos Estados Unidos – que é o país mais rico e poderoso do mundo – um presidente que não tem qualquer tipo de sensibilidade para os problemas que fazem com que essas pessoas se dirijam às ruas agora.

Estão dadas as condições para o inconformismo, para que as pessoas arrisquem a vida por acharem que ela não tem valor diante do que está acontecendo agora. É isso que a gente está vendo.

Como a luta antirracista se relaciona, nos dois países, com os movimentos antifascista e pró-democracia?

SILVIO ALMEIDA Não há que se falar em democracia – na ideia de democracia com uma ampla participação popular nas decisões políticas, nos rumos de um país, de uma comunidade – se não há igualdade racial.

A desigualdade racial sempre foi e será um constrangimento a qualquer projeto verdadeiro de democracia que vá além da mera formalidade. Quando há uma desigualdade racial gritante, que se manifesta na desigualdade econômica que atinge as pessoas negras, no tratamento institucional, na violência policial, no encarceramento em massa, na ausência de representatividade política e social, tudo isso vai gerando fissuras no discurso ideológico que diz que vivemos em democracia. É apenas uma aparência de normalidade, quando, ao fim e ao cabo, temos uma sociedade fraturada e em convulsão. E, quando as instituições não conseguem dar conta de produzir



mínimos consensos para sustentar essa aparência de participação popular e de igualdade formal, há uma explosão social. Quando há uma ausência de lideranças políticas capazes de unificar e legitimar um discurso e práticas de coesão social é isso que se dá, uma ausência de suportes ao discurso democrático.

As instituições que sustentam a democracia liberal estão sendo corroídas. É um modelo que não se preocupa com a substância da participação política, a efetiva participação das minorias para que elas possam, ao decidir, tomar conta do próprio destino.

E assim os discursos que pregam que o modelo de sociedade em que nós vivemos é um modelo igualitário, que ele é a única forma de viver, e a mais civilizada, não se sustentam diante da situação real das pessoas. Ainda mais em uma sociedade em que as pessoas estão tendo que escolher entre morrer doentes, de fome ou assassinadas pela polícia. Quando as pessoas só têm essas três escolhas, elas vão, obviamente, buscar estabelecer uma outra via.

A luta antifascista hoje é uma luta antirracista também. E a luta antirracista é uma luta antifascista em tudo aquilo que o fascismo significa, inclusive [contra] a face concentradora de renda e elitista do fascismo. Como disse [o filósofo e sociólogo] Herbert Marcuse, o fascismo quer destruir as possibilidades de contradição. O fascismo é a tentativa política de esmagar o outro, o contrário, esmagar a fissura que abre espaço para algo novo. O horror econômico, os projetos de concentração de renda, de superexploração do trabalho, têm tudo a ver com fascismo. O fascismo é um projeto político, econômico e cultural e que envolve o racismo.

Por que os protestos eclodiram agora, e com tanta força?

SILVIO ALMEIDA O assassinato do George Floyd, evento que catapultou isso, foi o estopim de uma insatisfação crescente, diante de assassinatos sistemáticos pela polícia nos Estados Unidos.

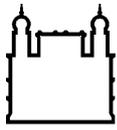
Não é a primeira vez que isso ocorre, e em grande parte das vezes não há reforma nas instituições policiais. E mais: os indivíduos que estão diretamente envolvidos na situação muitas vezes não recebem punição. Ou seja, é um sistema que falha porque produz esse tipo de aberração e a própria instituição não consegue estabelecer mecanismos punitivos que funcionem contra seus agentes que se desviam daquilo que o sistema de Justiça se propõe a realizar.

Isso passa um recado muito ruim para as pessoas. As manifestações são resultado de uma profunda desesperança e desconfiança no sistema político e no sistema econômico. Mas o fato de elas estarem desesperançadas com relação ao sistema não quer dizer que elas não tenham esperança de que a vida delas possa ter um outro rumo.

Esses protestos não têm um horizonte claro, e não é um problema não ter. Porque esse horizonte político muitas vezes é dado no interior do próprio processo.

A violência se apresenta [nos protestos] não como alternativa ou método, mas simplesmente como um fenômeno que ocorre justamente porque não são apresentadas pelas autoridades políticas alternativas para o diálogo.

Na verdade, não há condições objetivas ou subjetivas das atuais lideranças políticas institucionais para oferecer o diálogo e, individualmente, os ocupantes do poder, principalmente do poder federal dos Estados Unidos, não têm sequer capacidade para isso. Isso porque foram eleitos justamente para implantar uma plataforma política de não-diálogo com as pessoas que estão protestando agora.



Ministério da Saúde

FIUCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

A administração atual dos Estados Unidos foi eleita como o avesso a tudo que os manifestantes têm como horizonte existencial. É uma administração que abriga supremacistas brancos, e o supremacismo branco é calcado também na naturalização da desigualdade política e econômica entre brancos e negros.

Isso não começou nessa administração, os EUA são um país secularmente atravessado por isso. Mas hoje, no ano de 2020, há alguém [no poder] que expressa de maneira aberta esses valores que são, no fundo, anticivilizatórios se a gente entender civilização como aquilo que leva a uma dinâmica de resolução de conflitos que podem ser deduzidos não pela violência, mas pela possibilidade de consenso.

Se há hoje lideranças institucionais que não têm a menor capacidade de oferecer um diálogo que se coloque como alternativa à violência, a violência aparece.

Quais os pontos comuns e as diferenças entre os atuais protestos nos EUA e no Brasil?

SILVIO ALMEIDA Há um discurso muito desinformado segundo o qual os negros no Brasil não lutam da mesma maneira que nos Estados Unidos. Mais do que desinformação, isso é mentira.

Não leva em consideração as similaridades e também as profundas diferenças que existem na formação social tanto do Brasil quanto dos Estados Unidos. As estratégias de luta e de resistência antirracista, de luta social, são resultado dos processos históricos vividos por cada país. O tipo de racismo é que vai definir o tipo de luta antirracista.

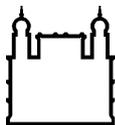
A posição que os Estados Unidos ocupam na organização do capitalismo internacional é muito distinta da que o Brasil ocupa, e isso tem consequências na compreensão da desigualdade racial. Nós somos a periferia do capitalismo, os Estados Unidos são o centro. Isso implica uma diferença na organização do trabalho [nos dois países], um processo diferente de formação dos sujeitos que vão pertencer a essa organização social e econômica. Os processos históricos de racialização são, por conta disso, diferentes.

Em comum, Brasil e Estados Unidos têm o fato de que são economias forjadas a partir do colonialismo e do processo do tráfico de escravos. A formação das economias, a conexão com a industrialização se deu justamente com a exploração do trabalho escravo, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Mas em posições distintas. Por isso cada país viveu um processo histórico.

Vieram quase cinco milhões de pessoas escravizadas para o Brasil, que foi o último país a abolir a escravidão. Isso faz com que o Estado brasileiro seja muito mais violento. Vamos lembrar o número de pessoas assassinadas no Brasil. Nem todas foram mortas pela polícia, mas dessas pessoas a maioria era homens negros jovens. Isso tem a ver com o racismo. É um país portanto que normaliza, naturaliza a morte de pessoas negras.

Nos Estados Unidos, ainda que haja esse nível de violência policial, não se chega ao nível de assassinatos do Brasil. O Estado [nos EUA] é assassino e suicidário, mas não como no Brasil. Aqui, nós tivemos que desenvolver estratégias de sobrevivência, de luta e de resistência negra. O Brasil é um país autoritário, economicamente dependente e racista. Essas são as condições históricas contra as quais a população brasileira e especialmente a população negra brasileira teve que sobreviver e lutar.

Acho inclusive que nós temos algumas coisas para ensinar aos americanos, assim como eles também têm para ensinar pra gente. Cada vez mais, e esse movimento que está acontecendo



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

demonstra isso, as condições do mundo, as redes sociais, a conexão que existe, faz com que haja um intercâmbio das formas de luta, de tal sorte que esses movimentos tendem a se espalhar. Estamos vivendo uma situação muito complexa e não há uma saída fácil para isso. Não é só desarmar uma bomba. Nós vamos ter que abrir possibilidades políticas para que essa insatisfação seja tratada.

Todos nós, negros, sentimos o peso do joelho do policial no nosso pescoço. Dificilmente uma pessoa negra não se sentiu sufocada junto com o George Floyd. Antes dele, Eric Garner foi assassinado [de forma semelhante]. Tivemos também o assassinato de um jovem dentro de um supermercado em São Paulo, enforcado por um segurança. O racismo sufoca, nos tira o direito de respirar.

Disponível

em:

<<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2020/06/01/%E2%80%98N%C3%A3o-d%C3%A1-para-falar-de-democracia-sem-falar-da-quest%C3%A3o-racial%E2%80%99>>

Acesso em: 08/06/2020.